

LUTO NA LUTA PELOS DIREITOS HUMANOS

CELUTA RAMALHO CARDOSO, advogada, psicóloga, professora, jornalista, escritora, conferencista e pacifista. Eis uma breve apresentação dessa mulher extraordinária que nos deixou no dia 22/10/2010. Foi, sobretudo e acima de tudo, uma guerreira, com atuação destacada em várias organizações em defesa incondicional dos Direitos Humanos e na Prevenção à Dependência Química, na OAB e no IAB, dentre outros organismos, inclusive, internacionais.

É autora de várias obras e escritos sempre voltados para a defesa dos Direitos Humanos, dos quais destaco “Tribunal Internacional de Direitos Humanos”, “A Problemática das Experiências Genéticas, Evolução, Conflitos Éticos e Jurídicos - limites morais”. Organizou mais de 15 Cursos sobre essa temática, aprovados pela ONU, da qual recebeu a láurea máxima, em 2004.

Durante o longo período em que esteve sob cuidados médicos, travando uma luta ferrenha contra uma doença grave que a atingiu de morte, estive várias vezes com a querida colega e amiga.

Em uma das visitas à Celuta, estava acompanhado dos amigos Martha Terra, Marco Apolo Hamidam, Ernesto Rymer e Talvane de Moraes. Fomos recebidos em sua residência, em Niterói. Ao contrário do que imaginávamos, lá estava Celuta – a guerreira dos direitos humanos e das lutas contra as drogas – cuja elegância, amabilidade e ternura não foram ofuscadas pela palidez e fragilidade física que a doença lhe impunha.

Relaxamos a tensão. Conversamos sobre o livro que tinha pressa, queria terminar. Era o seu “Canto do Cisne”. Honrou-me com o convite para fazer-lhe a apresentação.

Na saída, sentimos no olhar a despedida dos amigos, e ao mesmo tempo o característico brilho da sua solidariedade com as causas sociais.

O livro foi editado ao final do ano passado. Dele fez sua derradeira e resumida obra de excepcionais lições de vida, de garra e de solidariedade humana. Assim era Celuta.

Nesse livro, ao falar da morte, citou NIETZSCHE:

O gosto de minha morte na boca deu-me perspectiva e coragem. **O importante é a coragem de ser eu mesmo.** (g.n)

Celuta, em sua luta pelos Direitos Humanos, sua grande paixão, foi ela mesma, defendendo seus ideais com coragem e destemor.

Em seu “O Canto do Cisne”, a página especial dedicada ao Instituto dos Advogados Brasileiros, do qual se disse “operária” do Direito e da Justiça.

Na véspera de sua morte, 6ª feira, 22/10/10, visitei a querida amiga no hospital. Encontrei-a fraca, falando com dificuldade, demonstrando muito sofrimento. Procurei animá-la, dizendo que logo

estariamos juntos aqui no IAB. Perguntou pelos amigos, mencionando sempre o Celso Soares, por quem nutria grande admiração.

Chegou a hora da despedida. Prometi a Celuta que na semana seguinte iríamos vê-la em comitiva. Disse até breve, se Deus quisesse. Deus não quis. Preferiu levar a amiga para o seu reino.

A defesa dos direitos humanos perdeu uma de suas baluartes. Eu, particularmente, uma das melhores e mais destacadas amigas, com quem muito aprendi. Resta-me o consolo de reverenciar a sua memória e aqui prestar-lhe as homenagens também pela Comissão de Dependência Química deste Sodalício.

Esta é a moção que, por dever de justiça, me permito apresentar à CASA DE MONTE ZUMA, rogando que, se aprovada, seja dado conhecimento à Sra. Ângela, filha de Celuta, e a seus netos.

Ubyralan Cavalcanti

Sala das Sessões do IAB, 27/10/10

Intervento pela justiça.

Aprovada por aclamação. Encami-

nar-se à família e seja enviada a presente moção ao 2º do IAB, Encl. 10. 10
M. S. S. S.